

## Editorial

O NÚMERO 35 da *Manuscrita* perfaz a circulação dos textos e da criação literária em suas mais variadas formas, partindo da correspondência de escritores e passando pelos cadernos, diários, manuscritos, bibliotecas, arquivos e acervos, para, por fim, chegar às edições críticas e genéticas.

O primeiro artigo deste número, “*Circuler, c’est vivre’: la création de Victor Hugo et les contraintes de l’exil*”, trata das mudanças drásticas na circulação que a obra de Victor Hugo sofreu após o golpe de estado de Napoleão III. Exilado e com as obras censuradas pelo regime, o autor passou a explorar novos gêneros textuais, como o panfleto, a sátira e a forma epistolar, que se tornaram meios para a luta política, e a criar estratégias editoriais, que tornassem possível a circulação de sua obra em Paris e em outras capitais. Assim, a censura serviu como combustível para novas formulações que levaram um livro como *Napoléon le Petit* a ter uma estrondosa vendagem e circulação.

Marcos Antonio de Moraes inicia seu artigo “A poesia de Mário de Andrade em circulação epistolar: fluxos e vias interdidas” com diálogo acerca da apropriação da correspondência como matéria profícua para a crítica genética. Para que o conjunto da correspondência de Mário de Andrade, lido *pari passu* com a poesia, possa ser seara para o movimento hermenêutico da pesquisa, as cartas deveriam ser consideradas tanto a partir de sua especificidade como texto íntimo que se transfigura de destinatário a destinatário, quanto a partir da evanescência de seus sentidos, sensíveis à instabilidade da preservação e circulação do material e às circunstâncias de leitura – obrigatoriamente extemporânea para o mosaico interpretativo montado pelo pesquisador. É seguindo essas diretrizes que Marcos Moraes lê os testemunhos da produção poética deixado por Mário de Andrade a remetentes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Henriqueta Lisboa e Oneyda Alvarenga.

O trabalho do pesquisador diante do mosaico multifacetado e fragmentário das cartas também é abordado no artigo “A correspondência de Proust editada e comentada por Kolb: do vestígio à vertigem”, escrito por Luciana Persice Nogueira, que descreve a edição do monumental conjunto da correspondência de Proust, organizada pelo pesquisador americano Philip Kolb. A partir do trabalho de organização cronológica e produção de um emaranhado de referência anotada às margens e em extensas notas de rodapé realizados pelo pesquisador, seria possível vislumbrar não só uma hermenêutica da “produção epistolar”, mas também a projeção de uma rede complexa entre os sentidos plurais produzidos pelas matérias das cartas e os diálogos de seus remetentes, as cartas-vestígio que constituiriam “*lettres lanternes magiques*”.

É em uma das cartas de Proust que Guilherme Ignácio da Silva e Carla Cavalcanti e Silva encontram pistas para o “dever de casa” do autor de criar criticamente para o terceiro volume da *Recherche*, a partir da apropriação de longa tradição francesa – notadamente das *Mémoires de Sainte-Simon* –, o *sprit* dos Guermantes. No artigo “Marcel Proust e o nascimento do *esprit* dos Guermantes”, os autores examinam, além da correspondência, três cadernos de rascunho proustiano para refletir sobre o processo literário de elaboração e tradução desse tema.

A guarda e edição dos cadernos de rascunho de Proust são apresentadas por Carla Cavalcanti e Silva, no artigo “Conservação e trabalho genético: o caso dos Cadernos Proustianos”. Nele, a autora descreve o projeto internacional de edição dos cadernos do autor pelo projeto franco-belga *BnF-Brépols Publishers*, que envolve uma parceria entre pesquisadores franceses, japoneses e brasileiros e a Equipe Proust do *Institut des Textes et Manuscrits Modernes* (ITEM), e analisa, em seguida, especificamente o *Cahier 52*, refletindo como a preservação e circulação do fundo Marcel Proust na Biblioteca Nacional da França (BnF) participa no trabalho do crítico genético.

A investigação dos vestígios da criação literária encontrados em anotações e cartas de escritores é o procedimento que leva Edina Regina Pugas Panichi, no artigo “As Genealogias Culinárias de Pedro Nava”, a inventariar a pesquisa do memorialista mineiro para compor em seus livros as cenas que envolvem a culinária. As descrições meticulosas, que envolveriam, além dos ingredientes, a sinestesia do prato e também as convenções da cena da alimentação, são comparadas aos vestígios de pesquisa sobre o tema deixados pelo autor em suas anotações e coleção de recortes de jornal.

Para Roland Barthes, a comida seria “uma atualização de uma instituição”, pelo menos é o que afirma em um dos três Seminários (cursos de pós-graduação) dedicados à semiologia, na *École de Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), entre 1962 e 1972. Claudia Amigo Pino, no artigo “Do saber à aventura: a semiologia nos seminários de Roland Barthes”, investiga os manuscritos desses seminários em busca de flagrar como os interesses sobre a Semiologia mudam para o autor a partir dessas exposições.

Das cartas e cadernos passamos à biblioteca de escritores, com o texto de Lígia Kimori intitulado “Leitor-crítico, leitor-poeta: a marginália de Mário de Andrade em Machado de Assis parnasiano” que discorre sobre a marginália de Mário de Andrade, mostrando como o escritor paulistano enceta seu lado poeta e seu lado crítico na marginália dos livros de poemas parnasianos de Machado de Assis. Constatamos que, embora Mário de Andrade rejeite suas métricas e ritmos, ele está longe de romper violentamente com o parnasianismo, uma vez que se inspira em certas imagens e vocábulos construídos por Machado para elaborar seus versos, redimensionando, deste modo, o papel dos parnasianos frente ao movimento modernista.

Passamos, em seguida, para a questão dos arquivos e acervos, introduzida pelo artigo de Moema Rodrigues Brandão Mendes intitulado “Memória cultural do Museu de Arte Murilo Mendes: acervos sobre papel. Um caso de correspondência”. O texto trata da importância do Museu de Arte Murilo Mendes na preservação, conservação, catalogação e disponibilização para pesquisa de vários acervos de escritores, tais como o de Murilo Mendes e Gilberto de Alencar, constituídos por cartas, diários, manuscritos e bibliotecas.

O artigo de Graciela Goldchluk “El archivo Manuel Puig: un caso latinoamericano de creación en circulación” reflete sobre as possibilidades de circulação de um texto em contextos de censura, estabelecendo um interessante paralelo entre as Madres de Mayo, cujos textos circulavam em notas de dinheiro, e os escritos de Manuel Puig, que jamais eram escritos em folhas em branco, mas em papéis já anotados com outros conteúdos. O artigo também analisa a importância das tecnologias digitais na divulgação e circulação dos arquivos de escritores, recolocando, no entanto, as edições em suporte papel como essenciais para dar a ver as imagens que na rede podem apenas passar por um dado ou uma informação qualquer.

O arquivo do poeta paulistano Roberto Piva é tema de análise e discussão no artigo “Os arquivos do poeta Roberto Piva: entre o privado & o público” de Leonardo David de Moraes, que busca compreender a noção de arquivo a partir dos conceitos de Jacques Derrida, traçando paralelos e diferenças entre os dois acervos do poeta constituídos, primeiramente, numa via mais tradicional e institucionalizada, pelo Instituto Moreira Sales, no Rio de Janeiro, e numa segunda via, menos normatizada, que é a Biblioteca Roberto Piva, situada em São Paulo e instaurada pelos poetas e amigos mais próximos de Piva.

Ainda no tocante ao tema acervo, o artigo de Débora de Souza e Rosa Borges dos Santos “Acervo Nivalda Costa: circulação, leitura e estudo crítico” tece uma minuciosa apresentação do Acervo Nivalda Costa, colocando seu acervo digital como uma das principais fontes para a reescrita da história do teatro baiano em meio a ditadura militar, ensejando questões concernentes ao processo de edição desses materiais e da importância que o crítico deve dar a eles no momento da atividade editorial.

Partindo para a temática das edições, temos o artigo “Historiografia da Crítica Textual de autores brasileiros: o caso Euclides da Cunha” de Phablo Fachin e Suellen Carneiro da Silva.

Neste texto, os autores elaboram um estudo sobre as quatro edições críticas de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, realizadas por Walnice Galvão, no qual apresentam elementos fundamentais para a análise das diferenças entre as publicações, ilustrando, deste modo, problemas concernentes à autoria e à importância do crítico como um grande partícipe do modo como um texto pode chegar ao seu público.

Findando o presente número, o artigo de Eduardo Marinho intitulado “A figura incógnita em *Crônica da casa assassinada* e suas representações nos manuscritos ficcionais ‘Diários de André’ e ‘Diários de Betty’” parte das variantes dos manuscritos e datiloscritos reais contidos na edição crítica do romance de Lúcio Cardoso para tecer comentários acerca de quem seria a “figura incógnita” ou o “transcritor” dos manuscritos ficcionais que compõem o romance, ilustrando como as edições crítico-genéticas atualizam questões primordiais a respeito da criação literária.

*Aline Novais de Almeida*  
*Carla Cavalcanti e Silva*  
*Ricardo Gaiotto de Moraes*  
Editores

*Manuscrita* Revista de Crítica Genética  
São Paulo n. 35 • 2018

*Conselho Editorial*

Almuth Grésillon, Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM/CNRS)

Alicia Duhá Lose (UFBA)

Aparecido José Cirillo (UFES)

Carla Cavalcanti e Silva (UNESP – Assis)

Cecília Almeida Salles (PUC-SP)

Claudia Amigo Pino (USP)

Edson Pfitzenreuter (UNICAMP)

Elida Lois (Universidad Nacional de San Martín – Argentina)

Erica Durante (Brown University-EUA)

Irène Fenoglio (ITEM-CNRS)

Isabel Cristina Farias Lima (UFRS)

Josette Monzani (UFSCAR)

Márcia Ivana Lima e Silva (UFRS)

Marcos Antonio de Moraes (IEB – USP)

Maria Eunice Moreira (DELFOSS–PUC-RS)

Marie-Hélène Paret Passos (DELFOSS–PUC-RS)

Marlene Gomes Mendes (UFF)

Miguel Rettenmaier (UPF)

Mônica Gama (UFOP)

Noêmia Guimrães Soares (UFSC)

Philippe Willemart (USP)

Roberto de Oliveira Brandão (USP)

Rosa Borges (UFBA)

Rosie Mehoudar (USP)

Sergio Romanelli (UFSC)

Sílvia Maria Guerra Anastácio (UFBA)

Telê Ancona Lopez (IEB – USP)

Verónica Galíndez (USP)

DIAGRAMAÇÃO

Sofia Helena Arneiro Lourenço Barbosa

ILUSTRAÇÕES

Capa – Sofia Helena Arneiro Lourenço  
Barbosa

Carta de Pedro Nava a Edina Regina Pugas  
Panichi cedida, gentilmente, pela  
destinatária

REVISÃO

Carolina Molinar Bellochio

Manuscritica é uma publicação  
da Associação de Pesquisadores em Crítica  
Genética (APCG) e da  
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos  
Literários e Tradutológicos em Francês  
Universidade de São Paulo  
com o apoio da CAPES

DIRETORIA APCG

Presidente - Claudia Amigo Pino (USP)  
Vice-presidente - Viviane Pereira (UFPR)  
Tesoureira - Carla Cavalcanti e Silva  
(UNESP – Assis)  
Secretária Geral - Mônica Gama (UFOP)  
Secretária de divulgação - Aline Novais de  
Almeida (USP)  
Tesoureira suplente – Moema Rodrigues  
Brandão Mendes (CESJF)  
Secretária Geral suplente – Maria da Luz  
Pinheiro de Cristo (UFES)  
Secretário de divulgação suplente – Edson  
Pfutzenreuter (UNICAMP)

EDITORES DESTES NÚMERO

Aline Novais de Almeida (USP)  
Carla Cavalcanti e Silva (UNESP)  
Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC-  
Campinas)

SECRETÁRIA DA EDIÇÃO

Aline Novais de Almeida (USP)

EQUIPE EDITORIAL

Aline Novais de Almeida  
Carla Cavalcanti e Silva  
Claudia Amigo Pino  
Maria da Luz Pinheiro de Cristo  
Mônica Gama  
Viviane Araújo Alves da Costa Pereira

E-mail: [manuscritica@gmail.com](mailto:manuscritica@gmail.com)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos, Literários e Tradutológicos em  
Francês.

COORDENADORA DA PÓS-GRADUAÇÃO:

Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada

VICE-COORDENADORA:

Profa. Dra. Adriana Zavaglia

ISSN 1415-4498

PROJETO GRÁFICO

Priscila Pesce L. de Oliveira